

## OS ESPAÇOS SAGRADOS DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE LAGUNA<sup>1</sup>

Letícia Damazio de Jesus<sup>2</sup>, Danielle Rocha Benício<sup>3</sup>, Ivie mesquita<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto de pesquisa "O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas na cidade lagunense"

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo - CERES - Bolsista PIVIC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo - CERES - danielle.benicio@udesc.br

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo - CERES - Bolsista PIVIC

Esta ação de iniciação científica integrou a pesquisa *O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas na cidade lagunense*, vinculada ao Laboratório de Arquitetura - Teorias, Memórias e Histórias (Laboratório Artemis), iniciada em agosto de 2019 e terminada em agosto de 2022. Expõem-se os resultados obtidos do objetivo geral de reconhecer os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas no espaço urbano de Laguna; bem como dos seguintes objetivos específicos: pesquisar, identificar, inventariar, caracterizar e analisar esses espaços sagrados; investigar e examinar as relações entre as vertentes religiosas e os caracteres e as especificidades desses locais analisados; distinguir e ponderar a presença, a inserção, a contextualização e a resistência deles na urbe lagunense; e contribuir para a visibilidade e a preservação e, assim, o respeito e a valorização da manifestação ritualística e espacial das citadas religiões na Cidade Juliana.

Considerando tais objetivos, a pesquisa qualitativa, baseada no método de abordagem hipotético-dedutivo e nos métodos de procedimentos histórico e estudo de caso, incluiu as técnicas de coleta de dados de: documentação indireta, através da investigação documental, bibliográfica e iconográfica (sobre simbologia religiosa, espacialidade sagrada e "in"visibilidade do visível; e Laguna, história da cidade, presença afrodescendente e população escravizada); e documentação direta, através do levantamento *in loco* (com observações, anotações, medições e croquis de cada terreiro; preenchimento de fichas padronizadas descrevendo a edificação e seu acervo ritualístico; entrevistas com os dirigentes; e registro fotográfico). A propósito das fichas padronizadas, elaboraram-se três tipos, contendo vertente(s) cultuada(s) e informações pormenorizadas de espaços urbanos, paisagísticos e arquitetônicos e seus objetos sacros: a) ficha dos bens imóveis, focando a arquitetura, abrangendo tronqueira (canjira ou casinha de Exus e Pombagiras, dedicada às entidades à esquerda, locada na entrada do terreno, junto da rua), assistência (ambiente com assentos para a comunidade), abassá (salão para a gira da corrente mediúnica, médiuns e cambonos, separado da assistência pela cerca de madeira, corrente e/ou piso), atabaque (ou curimba, tocada pelos ogãs), altar (de frente para a assistência, após o abassá, hierarquizado, em formato piramidal, com imagens das divindades à direita e dos guias do dirigente e demais itens sacralizados), quarto e cozinha de santo, secretaria, biblioteca e sanitários/vestiários feminino e masculino; b) ficha dos bens móveis, focando as peças imprescindíveis aos rituais, incluindo atabaques, estatuárias dos orixás (Oxalá, Oxum, Oxóssi, etc.) e dos guias (pretos velhos, caboclos, eres, ciganos, etc.), quartinhas (jarros com tampa, de barro ou porcelana, para depositar líquidos, entre os quais, por exemplo, água), pedras, assentamentos, firmezas, oferendas, velas, entre outros artigos consagrados; c) ficha dos bens

paisagísticos, focando o cultivo de espécies vegetais necessárias aos diversos ritos, como banhos e defumações. Com isso, efetivou-se a reunião, a ordenação, a sistematização, a análise qualitativa e a síntese crítica dos dados, inclusive foram cotejados os resultados da investigação documental, bibliográfica e iconográfica e do levantamento *in loco*. Esta ação, até a etapa de trabalho em campo, foi executada em equipe; e, desde a etapa de análise qualitativa e síntese crítica, foi feita individualmente pelas bolsistas, conforme seus respectivos planos de atividades.

Desse modo, reconheceram-se oito espaços sagrados das religiões de matrizes africanas (e entrevistaram-se seus dirigentes): Abassá de Iansã (Fabrício Santos); Casa Ogum Sete Ondas (Ângelo Limas); Fraternidade Espírita Vovó Catharina (Zenir Dias França); Tenda Inaê (Adriana Queiroz); Tenda Espírita Cavaleiros de São Jorge (Diego Carvalho); Tenda São Bom Jesus de Iguape (Rosa de Jesus Fernandes e João Batista da Silva, criado pela falecida Lucy Francisca Gonçalves); Tenda Raios de Iansã (Sandra Vieira da Silva); e Centro de Umbanda de Xangô (Dilma da Rosa Fernandes). Não se estudaram três espaços sagrados: Tenda de Umbanda Águas de Oxum (Valdiney Machado); Centro de Umbanda Rainha do Mar (Zilair João Borges Deolinda, criado pela falecida Zilda Freitas da Silveira); e Tenda de Umbanda Menina Cigana (Maria Goreti Mendes Guarezi).

A localização desses espaços sagrados relaciona-se essencialmente à história da urbe lagunense: na periferia da área central, a sul do Centro tombado no Magalhães e a norte do mesmo no Campo de Fora e no Progresso (abarcando as favelas da Malvina e do Casqueiro) - bairros proletários, desde a origem populares e marginalizados, nos quais se proliferam casebres da população mais pobre, ratificando a precarização da moradia dos menos abastados em localidades destituídas de mínima urbanização. Todos os espaços sagrados, inclusive os sem acesso, estão locados em imóveis residenciais, junto às casas dos dirigentes; nove desses espaços sagrados não exibem qualquer identidade visual, acerca da função religiosa, na fachada voltada à via pública (excetuam-se a Tenda Raios de Iansã, cujo nome está pintado na frente recuada do alinhamento predial, com pouca visibilidade; e a Tenda de Umbanda Águas de Oxum).

A locação de cada edificado (majoritariamente com formato retangular, acompanhando a forma do lote pequeno) segue a configuração recorrente: na entrada do terreno, junto da rua, localiza-se canjira (para segurança e abertura de caminhos do terreiro); em seguida, encontra-se a casa do dirigente (bastante humilde); e, nos fundos, situa-se o terreiro singelo (de dimensões reduzidas). No universo levantado, somente seis terreiros dispõem de área minúscula para o plantio de espécies vegetais; sete terreiros são executados em alvenaria (a maioria deles possui revestimento cerâmico nas paredes, combatendo a intensa umidade ascendente do solo) e apenas um é construído em madeira; e todos têm forro de pvc e piso cerâmico (sendo dois imitando madeira). Em todos, o altar apresenta-se hierarquizado, em formato piramidal, com imagens de santos católicos; são raras as imagens de forças divinas do panteão africano (geralmente de orixás), comprovando o forte preconceito persistente na comunidade lagunense contra as religiões de matrizes africanas. Enfim, comprovou-se a hipótese que se perpetua o racismo estrutural e a intolerância religiosa, ocasionando a invisibilização, a periferização e a marginalização das religiões de matrizes africanas e, por conseguinte, acarretando a limitação dos espaços, prejudicando as ritualizações e provocando o apagamento de saberes e memórias ancestrais. Aliás, a limitação da espacialidade sagrada exige que os ritos se ajustem para não desaparecerem.

**Palavras-chave:** Religião de Matriz Africana. Espaço. Laguna/SC.